

# A curva das cruzes

**Por Roberto Beltrão**

Se a fortuna me sorrisse  
Com seus dons e seus favores,  
Eu te faria rainha,  
E te c'roava de flores  
*(Quadra popular)*

A luz amarelada dos faróis do caminhão cortava a neblina, fino véu borrando as linhas da pista que segue através da Serra das Russas. Ao passar por uma das curvas mais fechadas, Palmiro viu no acostamento um carro que parecia ter se esbagaçado contra o paredão rochoso que limita a rodovia. O caminhoneiro freou aos poucos, estacionou, pegou uma lanterna, desceu da boleia e foi reparar de perto. Mal dava para reconhecer que era um Opala azul de capota preta. A dianteira estava toda amassada e retorcida. Os limpadores de para-brisa ainda se mexiam pra cá e pra lá sobre o vidro trincado. Nos assentos da frente estavam um homem e uma mulher. Ele de paletó, mãos estendidas sobre o *tabelier*, cara enfiada no volante. Ela com vestido longo de cetim azul, cheio de bordados, cabelos negros, cabeça apoiada pela nuca no encosto do banco de couro, imensa mancha vermelha na testa, olhos abertos que não se mexiam.

Palmiro cutucou de leve as costas do homem. Nenhuma reação. Cutucou mais uma vez. Nada. O cara não respirava. Nela nem precisava mexer. O caminhoneiro foi para o outro lado do carro, com dificuldade abriu a porta do passageiro e ficou olhando em silêncio. Acendeu um cigarro para tentar diminuir os calafrios que lhe percorriam o corpo e ficou ouvido o som dos grilos escondidos nas proximidades. Meu Deus, moça bonita assim, olhos claros, nariz afilado, não devia morrer de batida. E o cara estava a mais de cem, rabeou na curva e enfiou-se nas pedras. A estrada naquela parte das Russas é traiçoeira, mesmo quem passa todo dia por lá tem medo. Imagine de madrugada e com serração para enganar a vista? Apontou o facho da lanterna para dentro do carro. Precisava de uma carteira, um documento para levar ao posto da Polícia Rodoviária e avisar sobre o acidente. Viu uma faísca, um brilho na mão da mulher. Para reluzir assim tinha que ser joia com pedra valiosa.

Greyce é que sempre falava de anel com brilhante. Como é que tu queres noivar, Palmiro, se não consegue comprar aliança? Pode ser até ouro quatorze, mas carece de ter pelo menos uma pedrinha verdadeira, ela dizia. Ele sonhava em fazer da namorada, esposa. Era a menina mais linda de Gravatá, acredita? Os outros cabras se mordiam de inveja quando os dois vinham de mãos dadas pela rua. Cabelo encaracolado descendo até a cintura, sempre muito enfeitada e de batom vermelho, sorriso alvo, cintura fina marcada pelo vestido florido, cada rolo de perna, eita morena vistosa! Não se sabe como o pai de Greyce deixou os dois namorar. Ferreira ganhou dinheiro com fabricação

e venda de móveis de madeira. Desde que enricou, só falava com as pessoas olhando de cima pra baixo, nariz empinado feito quem cheirou toucinho. Só às vezes ria, mostrando um canino de ouro se sobressaindo por entre o bigode grosso.

Ferreira espiava a filha se mirar no espelho antes de sair e dizia no ouvido de Palmiro que essa é pra casar com homem de posses, gostar de um luxo é ai, visse? O rapaz sorria amarelo, se encolhia no sofá da casa do sogro e ficava com vontade de admitir que era um liso, tá certo, só levava frete de pouco valor de Gravatá para o Recife, do Recife para Gravatá, mas ia crescer na vida depois do matrimônio. Isso porque Ferreira não ia lhe negar a preferência no transporte dos móveis, não só para o Recife, mas também para Caruaru, Garanhuns, Arcoverde, Serra Talhada, e até para João Pessoa e Campina Grande. Assim Palmiro ia logo comprar um Mercedes maior, e depois outro, e depois outro, começar uma frota. Mais cadê coragem de falar de negócio com o coroa? Era preciso ao menos ficar noivo para ter essa ousadia. E noivado só com anel de brilhante. Sabe quanto custa um solitário nas lojas da capital? Quem é pobre tem que deixar de comer para honrar a prestação.

E o anel ali, faiscando no dedo da finada, após o derradeiro passeio de Opala. Defunto leva joia pra cova? As tias velhas com certeza iam guardar a aliança para depois empenhá-la na Caixa. Isso se alguém não o recolhesse quando o corpo fosse colocado no carro do necrotério. Era justo uma coisa fina dessa ser vendida por uns trocados, talvez até derretida, e Greyce sem nada de ouro para enfeitar a mão direita? O velho Jacinto nunca ia ter uma dúvida assim. A riqueza do pobre é ser trabalhador, ele sempre falava. Não fazia gosto no namoro de Greyce com o filho mais velho por ser menina luxenta. Injusto. Ela até foi ao enterro dele. Morreu sofrendo no Hospital da Restauração. Disseram que foi uma veia entupida no coração. Mas como se o sujeito era forte, estava sempre corado, tinha apetite, comia buchada e mão-de-vaca? A herança foi o caminhão muito rodado que Palmiro já dirigia de vez em quando. Era para ele ajudar a mãe a acabar de criar os quatro irmãos menores.

Uma brisa gelada soprou no ouvido de Palmiro, quase teve a certeza de que ela sussurrava com a voz doce de Greyce. Leve a aliança, leve a aliança. Num movimento rápido, puxou o anel caro da mão da falecida, mas ele não saiu. O dedo estava muito inchado. Leve a aliança, leve logo. Correu até a boleia do caminhão e achou uma lata de graxa. Ligeiro, leve a aliança. Mesmo com a graxa passada no dedo, a joia não saiu.

Logo, ligeiro, a aliança. Voltou à boleia correndo e tateou na caixa de ferramenta até encontrar uma velha faca com serra. Faca cega, deu trabalho para cortar. O dedo caiu no chão do carro. A aliança ficou na mão de Palmiro, que saiu às pressas para o caminhão. Na fuga, jogou longe a ponta de cigarro que até então estava na boca. Tomou um susto quando percebeu que a guimba caiu sobre a gasolina que escorria do tanque do carro provocando um incêndio. Acelerou o caminhão e viu pelo retrovisor as labaredas vencerem a neblina nas Russas.

Ao chegar em casa, todos dormiam. Escondeu o anel numa gaveta da cômoda ao lado da cama. Enrolou numa cueca encardida para ninguém ter coragem de bulir. Amanheceu sem vontade de encarar os irmãos, a mãe, os fregueses. Passou o dia com a vista baixa, como quem procura alguma coisa no chão. Ao encontrá-lo à noite, Greyce percebeu logo.

- Que desgosto é esse, Palmiro?

- Nada.

- É por causa da conversa que tivemos sobre o noivado e o anel? Se avexe não, sei que você é trabalhador e vai conseguir. Ou não vai?

- Vô, né?

- Menino, tristeza não é isso. Tristeza é o que aconteceu com o casal nas Russas. Soubesse?

- Não, o quê?

- Desastre. Os dois eram noivos, num sabe? Gente rica. Vinham de uma festa aqui em Gravatá seguindo para o Recife. O carro bateu na terceira curva. Deu no repórter da rádio, no Bandeira Dois.

- E foi? Soube não. Que coisa, né? E o quê mais?

- A polícia disse que o carro derrapou por causa de óleo na pista, bateu de frente no lajedo e pegou fogo. Os dois viraram carvão.

- E o repórter disse mais o quê?

- Tua acha pouco essa tragédia? Quando fica queimado assim, é até complicado para reconhecer o defunto. Que agonia para família. Olha, tu te cuida nessas estradas!

- Eu não me abestallo, nem cochilo no volante, minha flor. Vou sempre voltar pros teus braços.

Ele encostou a cabeça da moça no peito e ficou passando os dedos nos cabelos encaracolados. Sorriu quando Greyce fechou os olhos, feito gato manhoso quando recebe carinho. Com uma fala de criança, fez o noivo garantir a compra do buquê de rosas a ser usado na cerimônia, quando um dia, quem sabe, os dois se casassem. Mais tarde, ao retornar para casa, ele pegou a cueca encardida, abrigo clandestino do solitário, e foi colocar embaixo do banco do caminhão.

No dia seguinte, levou um frete para o Recife e, depois de entregar a carga, foi a um ourives no bairro de São José. Olhando a aliança de perto com um monóculo de lente grossa, o especialista disse que aquilo era joia de primeira, de uma tal marca *Cartier*, e perguntou de onde vinha. Foi herança de uma madrinha, desconversou Palmiro. O ourives o encarou durante alguns segundos antes de começar a fazer a limpeza. Deixou a peça ainda mais reluzente e botou numa caixinha coberta com veludo preto. O rapaz pagou o que devia e voltou sem pressa para Gravatá. No caminho foi pensando em como fazer a surpresa para Greyce. Iria deixar para propor o noivado dali a quinze dias, quando Ferreira ia bancar um churrasco para comemorar os vinte e um anos da filha.

No caminho, notou que duas novas cruces haviam sido colocadas no acostamento da pista na Serra das Russas. Estavam lá onde aconteceu o desastre com o Opala. Duas cruces de madeira pintadas de branco. Embaixo delas foram postos ramalhetes de flores pequenas, amarelas e roxas, dessas que nascem no meio da capim. Lembrou-se da pergunta que sempre fazia ao pai quando os dois viajavam: quem colocava as cruces na beira das estradas? O povo que mora nas redondezas, quem tem um pedacinho de terra para plantar ou criar bode, respondia Jacinto. É gente pobre e de muita fé que põe a cruz para que o Diabo não chegue perto da alma do morto. Porque a alma de quem sofre desastre fica sem saber que morreu, presa ao lugar onde foi a desgraça, sabia? O pessoal mais velho diz que é preciso muita reza e vela para esse espírito encontrar a luz. Era muito crucifixo branco espalhado nos acostamentos pelo interior. Uns de madeira, outros de cimento, alguns com capelinha para proteger, todos lembranças de mortes repentinas e feias. Imagine se a gente conseguisse ver as almas em volta de cada cruzeiro desses? Palmiro afogou esses pensamentos ruins com um suspiro e empurrou o pé no acelerador.

Não demorou a chegar o dia do churrasco. Greyce estava ainda mais formosa, cabelos presos em trança, vestido justo e bem curto. Todos os homens não tiravam os olhos dela. Ferreira não tirava os olhos dos cabras, enquanto mandava assar mais cupim, servir a costela de bode e trazer mais cerveja. A aniversariante não afastava as vistas do rosto do noivo, pois sabia demais que ele tinha alguma coisa para dizer, estava com a aquela cara safada de menino que fez trela, de moleque que come doce escondido da mãe. Dançavam forró no quintal da casa junto com outros casais, mas o chamego era tanto que pareciam estar sozinhos num salão de baile. Não xumbrega não, Palmiro, que papai reclama, ela cochichava. Após deixe reclamar, ele respondia. Depois de muito xote, depois de muito cheiro do pescoço de Greyce, depois de muita sandália arrastada e de Ferreira soltar uns cinco ou seis muxoxos, o rapaz parou a música com um grito:

- Fecha o fole sanfoneiro! Para um pouquinho ai, zabumbeiro!

O povo começou a reclamar, oxe, para não, para não, mas todos se calaram ao ver Palmiro tirar do bolso uma caixinha preta. Nela estava o anel de brilhante que foi logo colocado no dedo da mão direita da namorada.

- Case comigo, minha flor, case!

- Caso, caso... tu deixa papai? Olha, é aliança de brilhante!

Ferreira tossiu entalado com um naco de bisteca e só conseguiu dizer sim com a cabeça. Diante de uma presepada dessa, tinha como dizer não?

A partir daí, Greyce e Palmiro só faziam sorrir e suspirar. Ah, o vestido branco, o buquê de rosas vermelhas, a igreja enfeitada, o bolo de frutas cristalizadas. Ah, a noiva linda subindo ao altar, a festa com muitos parentes e amigos invejosos, a noite de núpcias no hotel de Garanhuns, a frota de caminhões Mercedes. Numa tarde de sexta-feira, ele ouviu da noiva a ordem de levá-la no dia seguinte ao comércio do Recife para comprar o tecido que serviria à costureira, também um par de sapatos finos e brincos imitando pérolas para combinar com o arranjo de cabelo. Palmiro franziu a testa e perguntou, sem falar, se o sogro agora deixava os dois passearem sozinhos, assim pra longe. Besteira, menino, não firmamos noivado? Ela mostrou o maço de dinheiro que o pai havia dado para fazer as compras. Iriam logo cedinho e voltariam no fim da tarde, qual era o problema?

Quando o sol nasceu, seguiram para a capital num Fusca que Palmiro conseguiu emprestado com um amigo. Ao passarem por aquela curva na Serra das Russas, Greyce apontou as cruzes no lugar onde morreram o cara e a moça rica. Fazia um mês do acontecido e tinha visto no Diário uma foto com os dois. Ela, linda, bem vestida, ele, charmoso, uma pena viu, morrer desse jeito estúpido. Palmiro fez que não ouviu e perguntou se ela já havia tomado um maltado das Galerias, lá no Recife.

- O que é maltado?

- É uma bebida gostosa com chocolate, menina matuta! Depois que fizer as compras, te levo lá.

No bairro de São José tinha gente demais andando ligeiro com sacolas nas mãos. Nas calçadas, pés com chinelas japonesas, sandálias de tiras de couro e salto, sapatos vulcabras, tênis conga azul-marinho ou kichute preto. O sol esquentava as pedras das ruelas e o mormaço segurava o vento. A linha de sombra tracejada pelas marquises dos edifícios baixos de pouco servia para os camelôs que tentavam chamar os clientes aos gritos. Tabuleiros cheios com envelopes de carta, pentes, caixas de birilo, serras de unha, cadarços brancos, coador de café de pano, espeto para desentupir boca de fogão, antena para aparelho de TV, espelho de bolso, soldadinho de plástico, caminhãozinho colorido, ioiô, quadro da Virgem Maria e do Sagrado Coração de Jesus. Lucravam mais o cara da carrocinha de picolé e o sujeito do raspa-raspa.

No meio do povaréu, ia Greyce, avexada. Olhava a vitrine, entrava na loja, sorria para a vendedora, pechinchava, comprava, não comprava. Palmiro vinha atrás, calado, suor pingando da testa, apenas dois braços para tantos pacotes. Na loja de tecidos, ela parou para escolher o corte de pano – cetim ou cambraia? – e conversar com o figurinista que ia desenhar o vestido de noiva. Ele ficou do lado de fora, arriou as sacolas no chão, comprou um picolé vermelho que diziam ser de morango, sentou-se no meio fio. Ficou olhando para o tempo, sabor gelado e doce na boca. Esse pessoal parece que é doido, comprando tudo que vê, um batendo no outro, pisa no pé, empurra, tomara que a mulher não demore; será que a vida de casado vai ser assim?

Mergulhado nesses pensamentos, sentiu um véu esfumaçado tomar o dia cheio de sol. Ouviu o burburinho de vendedores e passantes como um ruído ao longe e enxergou os rostos como borrões, parecendo retratos desfocados. As pessoas seguiam para esquerda ou para a direita e muitas se esbarravam, quase se misturando no momento

desses encontrões. Um corre-corre sem sentido de gente desesperada, como será no dia do Juízo Final. No outro lado da rua estreita, só uma figura aparecia bem definida, visível, distinta da multidão. Uma moça com vestido longo de cetim azul, cabelos negros, nariz afilado, olhos claros que miravam direto em Palmiro – os olhos sabiam que ele estava ali, sentado na calçada. Ficou sem ar, pulmões espremidos no peito. Na boca, agora seca, desapareceu o sabor de falso morango. A cabeça latejou numa tontura repentina. Não é possível, meu Deus! Berrou quando sentiu alguém tocar-lhe o ombro.

- Vixe, Maria! Tá assombrado, Miro?

Torceu o pescoço para vê-la e, ao olhar de novo em frente, tudo era como antes, ninguém mais o vigiava.

- Foi mal. Tava distraído. Deve ser essa quentura. Olha, o maltado fica para outra vez, visse? Tô muito cansado.

Ele voltou para Gravatá calado, enquanto ela repetia e repetia todos os itens que havia comprado a preços bem melhores do que nas butiques do interior. Ao chegar à casa de Greyce, nem se lembrou de oferecer ajuda para levar os pacotes. Sem sair do banco do motorista, apenas abriu a porta do Fusca, deu somente um tchau, nenhum beijo. Foi direto ao bar a poucos metros dali e, sentado na mesa dos fundos, pediu uma cerveja, mais outra, mais outra. Quando acabaram os trocados para comprar bebida, entrou de novo no carro e foi à residência do amigo, ao qual devolveu a fubica. Não conseguiu dar um sorriso de agradecimento. E para uma cara amarrada daquelas, o colega certamente não faria mais a gentileza do empréstimo. Caminhou a pé, não sabia bem pra onde, passadas incertas nas ruas agora cobertas pelo breu. Aqui e acolá, postes magros segurando fachos de luz amarelada, pés de algaroba com vagens finas penduradas.

Foram alguns minutos de passeio sem rumo, ou demorou mais de uma hora? As pernas doeram e um banco de praça surgiu à frente como um convite. Descansou e sentiu as orelhas gelarem – quanta diferença do ar morno do Recife para o sopro frio de Gravatá. De repente veio um arrepio, a agonia desceu da nuca e percorreu a espinha. E não era por causa do frio, companheiro perpétuo de quem mora na cidade. Ela estava lá, no lado oposto da praça, quase disfarçada, por trás um de canteiro de flores e arbustos, olhos claros acesos como olhos de gato, cabelos negros, nariz



afilado, vestido longo de cetim azul. De novo, meu Jesus! Livrai-me, livrai-me! Levantou-se do banco num pulo, não teve coragem de olhar mais se a moça continuava ou não ali, se o seguia ou desaparecera. Achou logo o caminho da casa. Penou para acertar a chave na fechadura. Deitou-se na cama e cobriu-se com a manta sem tirar os sapatos.

Daquela noite em diante, não achou graça mais em nada. Nem quando Greyce o chamou para experimentar amostras do bem-casado. Era um tal de come, Miro, vê como é gostoso, Miro, dá tua opinião, Miro. Tudo fazia massa na boca, tinha gosto amargo, entalava para descer na goela. Vixe que homem chato, ela dizia, parece que tá com desgosto, não tá feliz com o casamento, não? Ele abanava a cabeça, beijava a testa da noiva e virava o rosto para que ela não perguntasse por que ele estava sempre rangendo os dentes e reparando em todos os cantos, feito quem está sendo perseguido. Poucos dias depois, arregalou os olhos ao ouvir Greyce dizer que precisavam voltar ao Recife porque estava faltando comprar botões claros, tipo madrepérola, para fazer o acabamento do vestido.

Argumentou que estava cansado, não teria mais o carro emprestado, só podiam ir no caminhão velho e durante uma dia de semana, será que esses botões você não acha nas lojas daqui mesmo? Não teve jeito. Greyce bateu o pé, fez bico, quase chorou - tem não, Miro, só no Recife, Miro, a gente vai no caminhão mesmo, Miro, que besteira, e ainda tem o maltado que você me prometeu. Fazer o quê? Ele respirou fundo e disse que iriam na quinta, mas nesse dia ele precisava entregar um frete na Boa Vista; de lá iriam a São José. Era domingo quando fizeram o acerto e a espera até a quinta foi marcada por horas que se arrastavam no relógio de Palmiro, noites cortadas por pesadelos e, durante o dia, pratos de feijão deixados no meio no almoço.

Na quinta-feira pulou da cama às quatro da madrugada, tomou um banho frio, bebeu uma xícara de café, pegou o caminhão e seguiu para casa da noiva. Quem sabe chegava cedo demais e ela quisesse desistir? Greyce ainda dormia, mas Ferreira estava na varanda. Disse que sempre acordava antes do galo cantar e convidou o futuro genro para comer um cuscuz com charque enquanto esperava a moça sair do quarto. Palmiro sentou-se à mesa da cozinha e reparou o dente de ouro do sogro pra cima e pra baixo vencendo a charque, a boca deixando passar farelos do xerém cozido enquanto contava como lutou duro, nunca fez corpo mole e agora, graças a Deus, tava

bem de vida, fábrica na cidade, sítio pra criar galinha e fazer roça, carro zero trazido da concessionária do Recife. Greyce só veio aparecer lá pelas nove horas, com rosto amassado pelo travesseiro. Passava das dez quando pegaram a estrada. Ele até sorriu e a escutou comentar que não desejava convidar para o casamento os primos que moravam em São Paulo, gente metida a besta e, mesmo assim, sem estilo, cafona, mal educada. Ouvia sem responder e sem tirar a atenção das linhas da pista. O dia era claro, o tráfego estava manso, quase sem outros caminhões, tudo parecia bem. Tinha se preocupando à toa?

Andaram em várias lojas para achar os botões de madrepérola, percorreram quase todo o comércio de São José, mas os encontraram. Missão cumprida, era hora do almoço. Num restaurante do Pátio de São Pedro pediram uma refeição e duas cocas, para aliviar o calor. Palmiro observou Greyce tomando com gosto o refrigerante no copo cheio de gelo. Algumas gotas de água caíam do fundo do copo, indo parar entre os seios. Os dois, por sua vez, meio que querendo pular da blusa de alças. Eita morena bonita, pele lisinha, como fica linda de cabelos presos em trança, pescoço cheiroso. Por que me aperrear se a sorte me estendeu os braços? Depois da refeição, passearam devagar pelo Recife, as pontes, o rio, as avenidas largas. Ele comprou ingressos no Cinema São Luiz onde estava passado uma reprise. A história era de um casal apaixonado, mas ela ficava doente e morria. Greyce chorou, abraçou o noivo com força. Ele a acolheu e ficaram apertados um contra o outro, separados apenas pelo braço da cadeira. Na saída, ela cobrou:

- E o maltado?

- Tá disposta?

- Claro! Você prometeu...

Palmiro abriu um sorriso. Estava tão contente que parou um táxi para levá-la às Galerias, no Bairro do Recife. Dinheiro gasto com mulher da gente é bem empregado, né não? Ao chegarem, ela se impressionou com o enorme balcão da lanchonete onde serviam a bebida de chocolate e leite. Ambos com taça e canudo, começaram a beber sem pressa, aproveitando cada gole. Palmiro sentiu o maltado perder o doce quando percebeu um rosto familiar de alguém em pé na outra ponta do balcão. Moça de cabelos negros, olhos claros, nariz afilado, vestido longo de seda azul que não combinava com aquele ambiente. Ele parou de beber, arrancou umas notas da

carteira, chamou o garçom, fica com o troco, rapaz, vamos embora que está tarde, Greyce. Ela ficou chateada, mas nada falou – vinha mesmo caindo a noite e batia o cansaço. Mais um táxi para chegar onde o caminhão ficara estacionado. Quando entraram na boleia, caiu um pé d'água, uma chuva forte de repente. Quem haveria de dizer que um dia claro daqueles ia acabar em toró?

Nuvens avermelhadas apagaram as estrelas recém-nascidas. Greyce mordeu os lábios quando viu o aguaceiro derramado sobre as ruas da capital. Também era muita água caindo sobre a estrada rumo a Gravatá. Palmiro observou as mãos dela apertando as laterais do banco do caminhão como quem teme um freio inesperado. Estava de olhos muito abertos – com pavor da chuva ou medo dele? Depois que começou a subida da Serra das Russas, ficou ainda mais difícil ver a pista. O limpador de para-brisa enferrujado não dava conta. Ele pensou nos pneus carecas que já deveriam ter sido trocados, no entanto, acelerou. Lembrou-se de Jacinto: presta atenção, cabra, cuidado pra não fazer besteira, não foi isso que lhe ensinei. Ainda sim queria chegar logo, deixar a noiva em casa, tomar um banho, deitar-se, esquecer. Mas a chuva estava com raiva, vinha como o dilúvio da Bíblia, um inferno molhado, cheio de trovoadas e relâmpagos vencendo a noite no tempo de uma piscada.

Um desses clarões fez Palmiro perceber alguém parado mais à frente, no meio da rodovia. Alguém sem temor à chuva forte, sem receio de ser atropelado. Deu para distinguir os cabelos negros e o vestido azul da figura na estrada. Ele gritou um palavrão e começou a mexer o volante para a esquerda e para a direita, sem saber o que fazer. Greyce fez voz de choro.

- Que é isso, Miro? Para, você tá me assustando, para!

- A moça, a moça, você não tá vendo?

- Que moça, Miro?

A imagem da mulher foi ficando mais nítida por entre os grossos pingos. Cabelos negros, vestido de festa, e tinha a mão direita levantada, como se exigisse a parada do veículo. Não havia mais como desviar. Ele puxou de vez o volante e o caminhão invadiu a pista no sentido contrário. Não adiantou. Viu claramente quando a moça se jogou contra o para-brisa. Num tempo menor que um relâmpago, reparou nos traços afilados do rosto, os olhos claros, os longos cílios escuros e a mão esquerda aberta sobre o vidro. Mão na qual faltava um dos dedos. Nesse instante, invadiu a boleia a

luminosidade branca dos faróis de um Jeep que vinha descendo a serra. A pancada foi forte, um estrondo maior que o trovão. Palmiro apertou o freio e sentiu a cabeça bater contra o vidro da porta. Um líquido quente começou a escorrer misturado aos seus cabelos. Logo depois, tudo ficou escuro.

Quando recobrou consciência, o dia havia chegado. O sol entrava decidido pelas frestas da persiana da enfermaria. Estava numa cama alta. A enfermeira aproximou-se - tenha calma, você está no Restauração, foi um desastre feio, mas você vai ficar bem, descanse. Era com se a voz saísse do fundo de um poço. Ele encheu o peito dolorido de ar, tossiu e sussurrou.

- Minha noiva?

A enfermeira desfez o sorriso piedoso e balançou a cabeça. As lágrimas turvaram os olhos, mas deixaram Palmiro ver as botas de gesso nas duas pernas. Colocou a mão na cabeça e sentiu um curativo volumoso logo acima da testa.

Não pôde ir ao enterro de Greyce. Disseram que Ferreira berrava agarrado ao caixão e depois quis se jogar na cova, me deixe, me deixe, sem minha menina não vivo. Mais calmo, entregou o anel de brilhante à mãe de Palmiro e recomendou que o rapaz não se atrevesse a cruzar o caminho dele enquanto vivo fosse. Quando se recuperou, Palmiro deixou o hospital e foi direto para a casa de um amigo do velho Jacinto, no Recife. O camarada lhe arrumou um biscate de motorista de táxi, para dirigir o carro de outro sujeito. Assim que ganhou os primeiros trocados, trouxe a mãe e os irmãos para morar numa casinha alugada na Bomba do Hemetério.

Meses depois, tomou coragem e subiu mais uma vez a Serra das Russas. Não foi até Gravatá. Parou no acostamento da curva fechada onde agora ficavam três pequenas cruces. Desceu do carro, tirou do bolso a aliança e a enterrou junto às duas cruces mais antigas, já meio estragadas, com a madeira fofa e a pintura branca caindo. Voltou ao carro, apanhou um ramallete de rosas vermelhas e o depositou na frente na cruz mais nova, ainda bem cuidada e com a pintura sem mácula.